



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Algumas considerações sobre a possibilidade de interdisciplinaridade no estudo da mente

Prof^ª. Dr^ª. Carla Laino Candido
Docente da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades – FIH da Universidade
Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Diamantina – MG – Brasil
E-mail: carlalcandido@hotmail.com

Resumo: Acreditamos que somente a partir de uma racionalidade científica que ultrapasse o paradigma do reducionismo, poderemos conceber novas formas de interação mente-corpo. Demonstramos que essa outra cientificidade pode emergir do diálogo entre neurociências, psicanálise e fenomenologia. Nesse sentido, as divergências teórico-metodológicas serão discutidas como uma maneira de aprofundarmo-nos sobre as questões epistemológicas centrais presentes nos estudos da mente. A principal, concluímos, é que nosso desafio situa-se na análise de como é que temos feito ciência e de como tal atitude nos dá condições de reformular a idéia de um corpo sem corporalidade. Reconhecer a dimensão sensível aponta, ao nosso ver, a necessidade de um novo naturalismo que considere a dinâmica neural constituindo-se na experiência do sujeito estar no mundo. Ao final, reconhecemos que alguma epistemologia deverá ser construída para dar conta dessa experiência.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Neurociência. Psicanálise. Fenomenologia. Epistemologia.

Algumas considerações sobre a possibilidade de interdisciplinaridade no estudo da mente

O estudo da interação mente-corpo fundamenta nossa compreensão sobre o que é a experiência humana – conceito fundamental para aqueles que desejam promover o desenvolvimento dos estudos sobre cognição. Nessa área, o grande desafio consiste em explorar como ocorre essa interação e em como podemos tornar tal experiência potencialmente acessível para a investigação. Discutiremos nesse artigo a possibilidade de articularmos áreas diferentes do conhecimento no intuito de dar conta dessa empreitada. Segundo Aleksandrowick (2000), a relação entre as disciplinas é indispensável em qualquer linha de investigação e, especialmente, no caso do cérebro, dados os avanços em neurociências (principalmente neuroquímica), em filosofia da mente (fenomenologia), física (mecânica quântica e teoria do caos), matemática (teoria dos jogos), biologia (projeto genoma), etc. Como pesquisadores, defendemos as fronteiras entre as diferentes áreas do conhecimento, mas, ao mesmo tempo, visamos também à convivência colaborativa. Na contemporaneidade, fazer ciência implica em troca, encontro (MORIN, 1990), de forma que o maior obstáculo não está em que cada um perca sua competência, mas sim que cada área se desenvolva o suficiente para se articular com outras competências.

Entendendo que a interdisciplinaridade funda-se ao assumirmos as diferenças, somente o diálogo – no nosso caso entre a psicanálise e as neurociências - deverá favorecer o encontro de perspectivas diversas em prol da formulação de uma cientificidade cujo objeto é o complexo – não apenas complicado - cérebro humano. O cérebro é complexo tanto no sentido epistemológico, pois é o conhecimento do órgão onde se forma o conhecimento (MORIN, 1990), quanto no sentido biológico. É estrutural e funcionalmente complexo, contando com milhões de conexões em múltiplas camadas, bi-hemisférico, triúnico, de caráter aberto (para o mundo) e ao mesmo tempo fechado (transformando linguagem químico-elétrica em linguagem da representação). Quando dizemos que o cérebro constitui um sistema complexo, queremos enfatizar justamente essa capacidade que o corpo humano apresenta de trabalhar com as flutuações provocadas em sua relação com o meio, dando lugar a uma estrutura emergente de caráter inesperado: no caso do sistema

cerebral – a mente e o processo de significação. Ou seja, parece que o conceito de complexidade e de auto-organização endossam a idéia de que o sujeito se constitui a partir de um encontro com a realidade.

Embora ainda não se saiba exatamente quais são as propriedades necessárias para que a complexidade aconteça, é possível identificar, conforme Cândido & Winograd (2009), no funcionamento cerebral, as características do comportamento complexo, quais sejam: produção de entropia, dinâmica de não-equilíbrio, aparecimento de estruturas dissipativas, unidades simples gerando comportamento complexo, produção de novas estruturas, diversidade de respostas, aparecimento de novas propriedades, sensibilidade às condições iniciais, aumento da imprevisibilidade, transição de fase, criticalidade auto-organizada e flexibilidade. Defendemos que tal complexidade é dada por um regime único de sensibilidade (CÂNDIDO & PIQUEIRA, 2002) eixo que, concluímos, tem potencial para fundamentar uma nova abordagem científica e interdisciplinar do problema da cognição, redefinindo o naturalismo para além da lógica da objetividade. Futuramente, vislumbramos que essa nova abordagem deverá resultar em novos modelos de interdisciplinaridade, e, conseqüentemente, em uma nova racionalidade científica. Enquanto isso não ocorre, os percalços são muitos.

No quadro abaixo, exemplificamos algumas divergências e limites – conceituais e metodológicos – entre os dois campos do saber, considerados muitas vezes intransponíveis para a construção de uma visão interdisciplinar sobre a mente. Sabemos que tanto neurociência quanto psicanálise possuem uma multiplicidade teórica interna, representadas pelas diversas linhas e orientações. Existem concepções aparentemente incompatíveis e também as que se articulam, como é o caso: a) da neuro-psicanálise, b) da tentativa de fazer uma leitura mais cognitiva dos conceitos psicanalíticos, c) de comprovação biológica dos conceitos da metapsicologia freudiana ou d) de mostrar como a biologia revigora a concepção psicanalítica de mente, e) a neurofilosofia, etc. Procuramos, aqui, exibir os conceitos mais radicais em cada campo de saber, com o objetivo de demonstrar, de maneira contundente, a grande distância epistemológica entre elas para que o leitor tenha uma idéia mais precisa sobre o tamanho da dificuldade em aproximá-las.

Quadro 1 – Divergências conceituais e metodológicas entre psicanálise e neurociência no campo de estudo da mente.

Psicanálise	Neurociência
Epistemologia na produção do conhecimento: não vemos o que é, mas o que somos	Epistemologia na produção do conhecimento: temos o puro sujeito avaliando o puro objeto
<p>Hermenêutica mais próxima da Filosofia e da Literatura</p> <p>Racionalidade mítica: Édipo freudiano como uma regulação que ordena o desejo</p> <p>Implica numa singularidade absoluta desde que, metodologicamente, o procedimento clínico - a produção de uma nova realidade em torno do real, que inclui o par analítico - impossibilita a reprodução do experimento</p>	<p>Positivismo Empíria</p> <p>Racionalidade científica</p> <p>Verificação/reprodução de experimentos através de imagens cerebrais Generalização</p>
<p>Processos inconscientes (éticos, não-ônticos), com ambição metapsicológica, ligados ao processo de recalçamento, são incognoscíveis do ponto-de-vista da investigação empírica</p> <p>Ontologia do interstício: a pulsão aponta para um fratura entre o físico e o mental</p> <p>Psíquico emerge do biológico, mas não pode ser reduzido a ele</p>	<p>Inconsciente cognitivo ligado à memória procedural: ênfase se desloca da motivação e simbolismo para a aprendizagem. Incondicionada. Preocupação com a justificativa ontológica da consciência e da mente</p> <p>Ontologia naturalista - materialista</p> <p>Reduccionismo eliminativista</p>
<p>A falta constitutiva do sujeito como objeto não material</p> <p>Verdade do sujeito, realidade psíquica, Fantasia, desejo, pulsão de morte</p>	<p>Cérebro sem sujeito como objeto material, reduzido à dimensão bioquímica, interagindo com o meio ambiente</p> <p>Pensamento cartesiano que exclui aquilo que perturba a lei da cognição, enquanto certeza do ser. Positivismo racionalista enfatiza a criatura científicista</p>

<p>Sujeito fundado no não-senso originário, a partir do confronto com o desejo do Outro. Alteridade como elemento constitutivo da subjetividade singular impossibilita tanto que se tome o sujeito como entidade que remeta a uma totalidade, quanto uma fenomenologia do inconsciente</p> <p>Alienação originária na constituição do sujeito</p>	<p>Sujeito da verdade, real do mundo físico, neurotransmissores, adaptação</p> <p>Funcionamento cerebral na origem do sujeito</p>
<p>Focaliza os vínculos</p>	<p>Focaliza o indivíduo</p>
<p>Inconsciente enquanto radicalidade do desconhecimento que questiona a ação humana à procura do bem</p>	<p>Homeostase Luta pela sobrevivência</p>
<p>Recurso ao irracional (lógica irracional não-real) para a conquista de outra racionalidade</p> <p>Conteúdos não-conceituais (esquema dinâmico mais vivido/sentido) produzindo representações.</p> <p>Inclui a pulsão, a experiência do corpo vivido e os qualia (como os sentimentos são sentidos). Produção da fantasia na dimensão do vivido/sentido. Advento do sentido da experiência</p> <p>Afeto, paradigma da pulsionalidade</p> <p>Internalismo</p> <p>Interesse na natureza da mente</p>	<p>Naturalização da subjetividade. Intelectualismo: valores só podem ser apreendidos de forma racional, não há a nada a ser conhecido fora dela</p> <p>Simulação computacional estabelecendo parâmetros para a imaginação</p> <p>Universalidade da representação: conteúdos conceituais de ordem intelectual, como idéias, crenças, concepções, valores. Importância do processamento. Produção da fantasia de acordo com o concebido/visto, Aprendizagem por repetição.</p> <p>Informação, paradigma computacional</p> <p>Externalismo</p> <p>Interesse na capacidade de adquirir conhecimento sobre o mundo</p>
<p>Não há comportamento humano natural</p>	<p>O comportamento humano também é natural</p>
<p>Metapsicologia freudiana norteia as descobertas da neurociência</p>	<p>Descobertas neurocientíficas norteiam as hipóteses da metapsicologia freudiana</p>

<p>Qualia como propriedades normalmente pensadas como subjetivas. Vislumbra-se uma separação entre os processos cerebrais e os da dimensão qualitativa da experiência de um sujeito. Qualia emocional perceptual e imagístico.</p> <p>Corpo tomado pela fantasia, historicizado pelo desejo, falado em contratransferência e que não se submete ao enquadre do significante e da representação</p>	<p>Qualia redutíveis a propriedades neurais (do tipo daquelas que estão no campo da Física ou da Biologia) que estão instanciadas por eventos no SNC. Qualia emocional somático.</p> <p>Corpo físico</p>
<p>Enfatiza a dinâmica da energia psíquica e a articulação entre desejo e símbolo</p> <p>Estádio do espelho – antecipação das funções psicológicas em relação às biológicas</p>	<p>Enfatiza a dinâmica da energia física e a construção da intencionalidade</p> <p>Existência de um eu sustentado por atividades cerebrais</p>

Apesar de tais divergências, não há propriamente um corte epistemológico radical. Concordamos com Morin (1990) que o desenvolvimento da ciência tem necessidade de impurezas e por isso propomos uma terceira coluna a partir da exposição e exploração dessas divergências. Uma certa “Guerra das Ciências”, nas palavras de Lasch (1986), é uma espécie de pesquisa filosófica imprescindível uma vez que parece ser capaz de promover o estabelecimento de diálogos fecundos com demais áreas do conhecimento, de forma a propiciar hipóteses para a renovação *do fazer científico*; como consequência, concluímos que alguma epistemologia deverá ser construída para dar conta disso. Nesse caminho, por exemplo, poderemos construir um novo conceito de naturalização, que contemple a experiência como um outro tipo de matéria, ou seja, de objeto a ser estudado quando falamos em dinâmica cerebral. Posto isso, pretendemos mostrar que, fazendo o contraponto à neurociência, a psicanálise constitui-se como uma interlocutora privilegiada frente a primeira, com grande potencial para desafiá-la a refletir sobre seus axiomas.

Especificidades psicanalíticas

O surgimento da psicanálise pode revelar o início de uma mudança no paradigma da contemporaneidade. As especificidades psicanalíticas questionam por que aquilo que não se representa fica colocado fora do campo de possibilidades da ciência. Estimulando o aprofundamento dessa questão epistemológica central, enfatizamos que os conceitos de “pesquisa metapsicológica”, “qualia”, “desejo”, “alteridade” e “pulsão” transformam o eixo epistêmico das teorias neurocientíficas. Vamos aprofundá-los a seguir para esclarecermos que tipos de transformações são essas e quais são suas implicações para a renovação do fazer científico.

1. Sobre a autonomia da clínica. Em psicanálise as verdades teóricas não cerceiam nem empobrecem a experiência, pois a clínica é a base da pesquisa psicanalítica, fornecendo os eixos fundamentais para seu norteamento no registro teórico. A investigação metapsicológica que surgiu a partir da clínica é que permitiu a Freud imaginar que a dimensão simbólica do cérebro não está contida inteiramente no processo neural, mas no encontro deste com o real - e essa experiência é irreduzível à dimensão biológica. Em suma, metapsicologia é sinônimo de imaginação, novas perguntas (BUNGE, 1980) e, conseqüentemente, representa um salto qualitativo na produção de conhecimento.

2. A importância da escuta especializada do sintoma, que indica que a representação constitui-se pelas experiências de como os sentimentos são sentidos – o que inclui a dimensão irrepresentável dos qualia na produção de conhecimento sobre o cérebro. Essa experiência, ilustrada pelo par analítico (paciente e terapeuta) indica que a representação tem suas raízes simbólicas alicerçadas na impossibilidade de encontro entre o corpo excitável e o “real”. Em psicanálise, podemos supor que essa ausência (caos pulsional) associada ao interdito (a matriz edípica que dá o molde ao sujeito desejante) constituem importantes parâmetros da dinâmica energética cerebral.

3. A relação entre intersubjetividade e alteridade demonstra que ter um si mesmo sem o outro é impossível. A experiência de como os sentimentos são sentidos indica, portanto, que o saber deixou de ser pautado por uma taxonomia geral para emergir no espaço das relações intercorpóreas (CAMPOS & COELHO JR., 2002). A

psicanálise valoriza a relação entre os corpos, um plano existencial que exige um inevitável encontro com a alteridade – o que limita a primazia das filosofias do sujeito e das representações. Abdicando do puro sujeito, a psicanálise ganha especificidade conceitual através da subjetividade que emana do par analítico, e denuncia a inexistência do observador neutro produzindo ciência.

4. O querer inconsciente problematiza o reducionismo. Entendemos que, se nenhum evento físico puder produzir, por si só, a descrição de qualquer experiência subjetiva associada (NAGEL, 2005), então, o projeto de naturalização da mente ficará impossibilitado, obrigando a ciência a refletir a respeito do seguinte problema ontológico: a maior parte das propriedades emergentes e irreduzíveis pode ser explicada naturalisticamente com base na relação dos constituintes do sistema, à exceção da natureza dos qualia, que demonstra uma irreduzibilidade não analisável, difícil de ser contornada no universo naturalístico da ciência (EL-HANI & QUEIROZ, 2007) – a não ser que se tome a experiência da corporalidade como um objeto de estudo, assim como faz a psicanálise e a fenomenologia. A consideração ontológica do corpo vivido, ou seja, considerar a pulsão em sua materialidade, como campo fenomenal, promove uma revolução epistemológica capaz de incentivar o diálogo entre disciplinas diversas – afinal, todos falarão sobre o corpo vivo, organizando-se sensivelmente como psiquismo.

5. O poder transgressor do corpo sensível. Não podemos mais enfatizar os registros do pensamento e da linguagem às expensas da corporeidade (BIRMAN, 2001). A partir do sentido de uma experiência corporal sexualizada, a representação do objeto adquire significado e se associa à palavra. Fica claro, nesse momento, a relação entre qualia e a experiência corporal. Considerando que a intencionalidade antecede a consciência, e produz representações, não há dúvidas de que o próprio corpo é, desde o início, um efeito da realidade psíquica, o que limita o modelo do corpo biológico e introduz a problemática da corporalidade, entre a carne e o sujeito (DUNKER, 2006). A introdução da corporalidade não é prerrogativa da psicanálise; a fenomenologia também fala de corporalidade conforme desenvolvido por Merleau-Ponty no conceito de corpo fenomênico. Segundo Raffaelli (2006) a noção de carne, a tese do corpo - que não é nem coisa, nem ego - é o que acaba por aproximar a fenomenologia do inconsciente psicanalítico, pois é a partir da compreensão do corpo enquanto sentido encarnado - "a carne do sensível" (MERLEAU-PONTY,

1960/1991, p.184) - que é possível apreender o papel privilegiado da sexualidade no ser humano e a gênese da repressão. Desse modo, para alguns fenomenólogos o conceito de inconsciente passaria a ser aceitável, enquanto consciência obscura, e a tese do corpo viria a justificar a sexualidade como signo privilegiado da existência humana, enquanto vínculo intersubjetivo.

De qualquer modo, notamos que a noção de corporalidade questiona o reducionismo. O corpo sensível, distinto do biológico, poderia ser aproveitado na construção de um novo projeto de naturalização da subjetividade pois é um conceito que aprofunda o entendimento sobre a ocorrência da experiência no plano da dinâmica neural. Tendo em vista nossa hipótese central de que a mente é fundamentalmente um corpo sentido, retomando Green (2008), podemos decretar que, num primeiro momento, pulsão e objeto são inseparáveis. O organismo, portanto, deixa de ser objeto da relação com o mundo para emergir dessa relação. O corpo real, em suma, não é um fato, nem é objetivo, nem existe à priori, nem é perfeitamente representado ou imaginado, mas é uma experiência perceptual “sentida” de separação da totalidade (BARBARÁS, 1999), que escapa à elaboração simbólica, mas que a antecede e possibilita a significância. Nesse sentido, a psicanálise aponta outro paradoxo: o corpo sensível, dado pela pulsionalidade irrepresentável que permite a ontologia do humano, não cabe na lógica neurocientífica que estuda o cérebro. Esse paradoxo demonstra que a pulsão é uma noção que nos permite focar a experiência da corporalidade no estudo dos processos corticais (CÂNDIDO, 2010), o que deverá promover uma expansão de nossas perspectivas sobre a mente.

Devemos esclarecer que, embora em psicanálise, de uma forma geral, destaca-se a função simbólica dos materiais nos quais ela se realiza (o corpo), até mesmo Lacan, por muito tempo longe da referência da experiência e mais próximo da idéia abstrata dos registros do simbólico, real e imaginário, reconheceu, no final de sua obra, que há algo produzido de modo forclusivo pelo simbólico - uma coisa que aponta para a própria incompletude do sujeito, para o não-sentido (Souza, 2005) - que é causa daquilo que seria a ligação se houvesse algo prévio ao simbólico para ser ligado. Safatle (2005) refere que, para Lacan, o sujeito não é apenas da ordem do significante, mas porta em si algo da ordem da negatividade do real. Essa lógica, que contempla a temática da destituição subjetiva na obra lacaniana, não implica,

segundo o autor, na afirmação de um plano de imanência pré-reflexivo, mas sugere que deve ser feita uma reconsideração a respeito dos modos de subjetivação¹. Parece-nos, conforme Costa (2006) em entrevista à Ghiraldelli Jr, que o corpo em psicanálise não determina inteiramente a carga semântica, ao contrário do corpo fenomenal de Merleau-Ponty, mas circunscreve possibilidades de sentidos que será assinalada pelo arbitrário linguístico.

Assim como para a psicanálise lacaniana conceitua-se a carne como uma espécie de corpo antes que haja corpo, uma espécie de resíduo necessário a constituição do corpo (Dunker, 2006), há em outros autores psicanalíticos essa noção de um body- schemata irrepresentável que antecede as representações. Para Botella & Botella (2002) há a idéia de figurabilidade, do alucinatório como um conjunto de imagens que não são consideradas como representação icônica de um objeto externo, mas fornecem os elementos sensoriais que vão se constituir na matéria prima das linguagens, há o conceito de alíngua de Lacan (LEITE, 1998) e o pictograma de Aulagnier (1975).

Também há na fenomenologia de Merleau-Ponty a carne como meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a idéia (NAVES & FERES-CARNEIRO, 2007). Para o autor, o caráter da significação é eminentemente corpóreo: o corpo é intencionalidade que se exprime e que secreta a própria significação. A fala emerge, portanto, enquanto gesto de um corpo que é toda relação de sentido com o mundo. O corpo fenomenal remete à noção de esquema corporal entendida em seu aspecto existencial (CAMPOS & COELHO JR., 2002). O conceito de corpo fenomenal é responsável por enquadrar os estímulos, dar forma e significação enquanto etapa que antecede no cérebro o estágio cortical. Essa experiência corporal constitui os processos figurativos não representacionais que estruturam a ação e não envolve o raciocínio simbólico. Tais elementos básicos estruturantes remodelam os estímulos do mundo, fazendo-os inteligíveis ao sujeito.

¹Vale observar que depois do seminário XX, Lacan passou a pensar o gozo e não o significante-significado como seu algoritmo inicial. Na psicanálise lacaniana, o sujeito é causado pelo significante e marca o corpo pelo gozo. O sujeito é diferente da consciência e portanto, para alguns autores psicanalíticos, não-fenomenológico. Fenomenólogos se defendem dizendo que no agente-humano senciante a intencionalidade não se efetua na transparência de uma consciência.

Assim, na fenomenologia, a função crucial que o corpo desempenha na constituição psíquica coloca esse corpo “sentido” em evidência. Para Merleau-Ponty, segundo Furlan & Bocchi (2009), antes da expressão, há uma ausência determinada que o gesto ou a linguagem procura preencher e completar. A instauração de um campo pré-reflexivo de experiência traz consigo a consideração de dois aspectos fundamentais na constituição da mente: a intersubjetividade e a alteridade.

O paralelismo entre filosofia e psicanálise nos ajuda a pensar aquilo que chamamos de processos de subjetivação do corpo. Tal dimensão - aquilo que nos torna humanos aos olhos das ciências humanas - é uma dimensão pouco discutida no paradigma biológico. Não vemos com frequência os neurocientistas se preocupando com os questionamentos filosóficos de base; se raramente ocorre a pesquisa filosófica que implica na revisão dos axiomas fundamentais, dificilmente surgirá algo inovador que represente um avanço na pesquisa da mente. Percebemos que na maior parte das vezes os neurocientistas não têm se preocupado em refletir em que medida os qualia constituem a grande diferença entre homem e máquina, e, assumem de antemão que também os estados de sensibilidade podem ser decompostos em termos puramente algorítmicos (DENNETT, 1997). Assim, quando não ignorados, os qualia – conceito fundamental para pensarmos o humano - são naturalizados como qualidades sensoriais que um dia serão explicadas pela neurobiologia (DAMÁSIO, 2000).

A tentativa de naturalizar os qualia indica ser imprescindível compreender que, somente com a análise mais profunda daquilo que caracteriza os discursos sobre a mente nos colocaremos num reino epistemologicamente novo, que significa, no nosso caso, a crítica ao paradigma reducionista e ao monismo fisicalista, entendendo físico no sentido clássico. Em relação aos discursos, é importante assumir que os dados não indicam qualquer verdade sobre algo (BACHELARD, 1996), mas que é a teoria à luz da qual os dados são interpretados que confere “peso” às descobertas do pesquisador. Então, se a interpretação é peça chave na compreensão científica, por que não criar e recriar teorias diferentes e buscar novos caminhos? Conforme Morin (1990), torna-se necessário operar uma nova articulação do saber, uma vez que neurociência, psicanálise e epistemologia encontram-se em setores universitários afastados – o que faz com que os pesquisadores desistam. Ao nosso ver, é preciso levar a empreitada interdisciplinar adiante.

Nesse intuito do “novo”, defendemos que os conceitos psicanalíticos listados acima nos levam às seguintes e fundamentais reflexões sobre a constituição da mente: será que a única realidade sobre o cérebro é a biológica, ou como diz Kandel (2003), tudo aquilo que o encéfalo produz deveria (*mesmo*) ser entendido como um processo biológico?

Entendemos que o receio que o neurocientista tem do subjetivo, tentando naturalizá-lo para poder entendê-lo, os psicanalistas têm do objetivo, tentando singularizá-lo, para poder entendê-lo. Se para o cientista é difícil lidar com o corpo que não é máquina, é corpo sensível, para o psicanalista há o medo de descobrir que o aparelho da linguagem mantém conexões mais íntimas com o aparelho neurônico do que se poderia supor. O embate entre a pretensa singularidade psicanalítica que não presta contas versus a neurociência como linguagem canônica que supõe chegar mais perto de descrever a realidade do corpo tal como ela é impede uma aproximação mútua pelo simples fato de que psicanalistas e neurocientistas passam a se ver como tendo registros discursivos não só diferentes, mas incomunicáveis.

Pensamos que cabe à epistemologia distinguir nesse diálogo - e tem sido nosso intuito neste artigo - aquilo que compete ao trabalho de inteligibilidade daquilo que pertence ao domínio dos *imperativos políticos*, isto é, das ideologias que escondem posições preconceituosas que privilegiam ou renegam determinadas abordagens. Viemos defendendo ser possível e necessária a construção de uma proposta interdisciplinar porque, a nosso ver, a ideia de que o paradigma biológico seja o dominante é equivocada. Portanto, o fato de que não há um único ponto de vista legítimo, mas vários, restitui a comunicabilidade entre os diferentes registros, uma vez que o objeto é um só – a mente humana. Resta-nos refletir sobre como estabelecer essa comunicação e formular quais são os princípios norteadores desse processo. Ou seja, temos que criar pontes para tecer uma terceira coluna no nosso quadro.

A coluna do meio: uma ciência em transição – princípios norteadores

Parece-nos que, para além do compromisso com a objetividade, o rigor científico passa antes de tudo pelo questionamento da natureza da produção do

conhecimento. A ciência, de fato considerada como única, é a própria ciência biológica. A psicanálise, dentro dessa concepção absoluta de ciência não tem, nem terá, lugar que possibilite um diálogo igualitário. Porém, se desnaturalizarmos a ciência, considerando que ela não se reduz ao cientificismo – e então tomaria corpo a idéia de que a realidade material (o empírico) está mediada pela realidade psíquica (do cientista), que é diferente do real – teríamos a impossibilidade de uma única ciência pura. Isso criaria um quadro que permitiria a articulação entre campos diferentes, cujo teor seria algo como a pergunta de Leal (1998): “Estaria a Psicanálise se tornando mais científica, ou a ciência estaria se tornando mais psicanalítica?” A psicanálise seria um novo modo de fazer ciência?

A partir da premissa de que não há ciência pura, poderíamos tentar lidar com as incompatibilidades entre neurociência e psicanálise em primeiro lugar identificando quais são elas, em segundo lugar como uma provoca a outra epistemologicamente – dois passos que já foram dados – e, finalmente, criando princípios norteadores de uma ciência híbrida / intermediária, tais como os que sugerimos abaixo:

1. A mente incorporada

Os neurocientistas parecem concordar com o fato de que as experiências vividas pelo ser humano intervêm ativamente na modelação do tecido cerebral e que o todo organizador que se constitui retroage sobre as partes que o constituem. A questão agora consiste em contrapor o monismo da psicanálise ao monismo fisicalista das neurociências. Como? Sugerimos que a materialidade corpórea não deve ser pensada apenas como herdada de um legado genético/biológico de uma espécie, mas também como um legado cultural de uma sociedade, isto é, como resultado dos movimentos da história sobre essa mesma materialidade (PEREIRA, 2005). Dessa perspectiva, quem estuda o cérebro vai se interessar em pensar sobre as alterações materiais que um corpo sofre e produz ao interagir com o mundo. Tal processo implica em mente, sujeito incorporado. Nesse sentido, temos o conceito de “matéria ocorrendo”, da vida acontecendo e do sujeito em processo, incorporando-se ou embodiment (VARELA, TOMPSON & ROSCH, 1993).

As teorias que envolvem a representação simbólica puramente mental constituem um dos pontos-de-vista possível no estudo da mente. Mais além do paradigma informacional, poderemos considerar a perspectiva da enação, isto é, da

cognição como ação incorporada. Interdisciplinarmente assumiríamos o corpo como objeto central no conjunto de investigações sobre a mente e cognição em todas as suas vertentes: pulsional, fenomenal, físico. Nossa tarefa, futuramente, consistirá em refletir como essas dimensões se articulam e se contradizem, o que poderemos construir em torno do conceito de materialidade corpórea ou corporificação, e como sustentar a sensorialidade como eixo de pesquisa interdisciplinar sobre a significação e a intencionalidade (CÂNDIDO, 2010).

2. A destituição do reducionismo como o paradigma único na pesquisa da mente

Além da redução do mental ao físico ser substancialmente diferente de outros tipos de redução, assumiríamos que nem todo monismo materialista endossa uma postura reducionista e eliminativista. Há autores que, ao contemplar a complexidade funcional quase infinita do cérebro, não prescindem da dimensão subjetiva do cérebro, colaborando para que não se privilegie qualquer das abordagens envolvidas num projeto interdisciplinar sobre o estudo da mente.

Alternativas podem ser encontradas em autores como Searle (1995) que defende a ontologia da mente na primeira pessoa, Flanagan (1992) e Varela et al. (1993) que enfatizam a importância da investigação fenomenológica, Damásio (2000) que toma a neurobiologia das emoções e sentimentos como objeto, Edelman (1992) que afirma a determinação epigenética da arquitetura cerebral e Hill (2011) que obteve uma teoria mais ou menos unificada de todas as características amplamente aceitas como qualitativas dos qualia. Tais autores, entre muitos outros que possuem excelentes artigos sobre neurociência e psicanálise publicados em periodicos eletrônicos, de fácil acesso a consulta via Internet, representam um momento de transição na ciência, pois procuram pensar a emergência da mente a partir de processos cerebrais/corporais levando em conta a irreducibilidade do vivido.

Para aqueles que querem aprofundar-se no assunto, sugerimos como consulta inicial o site <http://www.revistacontemporanea.org.br> da revista Contemporanea- psicanálise e transdisciplinaridade

3. Construção de um novo projeto de naturalização

É certo que a partir de um cérebro complexo, dado pela irreducibilidade do vivido, torna-se possível a construção de um novo projeto de naturalização da subjetividade que aprofunde o entendimento sobre a ocorrência da experiência no

plano da dinâmica neural. Isso também implica na mudança da natureza da reflexão (VARELA et al.,1993) em ciência cognitiva: de abstrata (atividade desincorporada) para a corporificada (psiquismo presente ou *open-ended reflection*). Sobre qual experiência falamos? Tomamos experiência no sentido de Hill (2011), como eventos mentais que tem relevância causal imediata no fluxo de atividades cognitivas de ordem superior, mais especificamente sobre a experiência de auto-organização do sujeito, que ocorre no caminho de existência do organismo ao ser com a constituição de um regime singular de sensibilidade.

Admitindo que a consciência ocorre quando há um corpo que atua, ela deixa de ter a forma do eu penso para efetuar-se num mundo físico, corporal. Essa dimensão neural-psíquica fundante da mente nos estimula a pensar a cognição não só como maquinação, mas como sensibilidade, incorporada, resultado da experiência corporal do agente. Nesse mundo, afirma Pachoud (1999), a motricidade é uma intencionalidade original. Essa experiência sujeito-mundo, tomada como um objeto por muitos pesquisadores cognitivos (METZINGER & GALLESE, 2003) dá condições ontológicas para a existência de um novo cogito em que as modificações sinápticas se dariam a partir das experiências sensíveis vividas pelo sujeito.

Ao concebermos o corpo como estrutura auto-organizadora de ser, na metamorfose do corpo para a mente, enfatizamos que a máquina humana energética toma sentido quando referida ao universo simbólico, mas seu mecanismo lógico também se dá em bases afetivas (CÂNDIDO & PIQUEIRA, 2002). Assim, há um registro do corpo que existe como uma sensorialidade que antecede a representação, e que não pode ser reduzida à ordem anatômica, nem à representação do corpo; esse registro que articula imaginário e simbólico ao mundo físico redimensiona o que entendemos por naturalização. É como se, nas palavras de Morin (1990), houvesse uma computação (operações mentais) que se torna cogitação (pensamento) permitindo as representações. Acrescentamos que essa “compútica” do espírito humano não pode ser reduzida à cogística - e é isso que questiona os limites da naturalização da mente, de uma visão bioquímica e/ou informacional da mesma em que cada ato de processamento da informação seja mediado por um sistema de categorias e representações.

Tanto a fenomenologia quanto a psicanálise, com seus corpos pulsional e fenomênico, apontam para esses limites e podem ajudar com a idéia de que uma

“existência espacial” no cotidiano é uma condição indispensável à percepção e pode sustentar a corporeidade como uma ciência objetiva da própria subjetividade. A abordagem da corporeidade aponta para o processo de formação da singularidade e representa uma articulação potencial entre os métodos da investigação psicanalítica, o conhecimento experimental em neurofisiologia e as pesquisas filosóficas da Fenomenologia sobre o corpo (CÂNDIDO, 2010). A corporalidade ou sensorialidade nos permite inaugurar um fisicalismo não-reducionista ou um naturalismo não-fisicalista (que entende a matéria no sentido clássico), em que indivíduo e ambiente fazem parte de uma mesma globalidade (BARBARÁS, 1999).

4 . Mente como devir

Freud criou um modelo de homem como uma máquina-viva, o que nos estimula a pensar a cognição como sensibilidade, como pulsão, incorporada, e não como maquinação (efeito de um processamento). Com a pulsão, Freud teoriza sobre como se produzem as qualidades sensoriais, que permitem ao indivíduo situar-se, isto é, existir psiquicamente. Isso torna a psicanálise um interlocutor privilegiado quando pensamos numa ciência da mente que considera a experiência (de ser). Tal experiência, nosso elemento de estudo primordial, não é uma coisa objetiva nem metapsicológica, mas um cenário indeterminado do sentir não-simbolizado, anterior ao ser, um devir que se move entre os corpos e que pode ser contemplado pela física.

A teoria dos sistemas dinâmicos aponta tal devir através da existência de estados de um sistema que podem ser mudados por perturbações (fenômenos de avalanche), mas que, uma vez nesse estado, sempre migram para uma nova configuração mais estável (PER BAK, 1997). É uma dinâmica onde todo o sistema torna-se instável diante de mínimas perturbações em valores de parâmetros. Para Prigogine (1996) são essas condições de não-equilíbrio que capacitam o sistema a evitar a desordem térmica, transformando parte da energia em um comportamento ordenado de um novo tipo. Chamou esses sistemas de abertos e fora do equilíbrio de estruturas dissipativas, uma propriedade dos sistemas auto-organizantes. Em consequência das perturbações, os valores sistêmicos se alteram, de onde emergem processos irreversíveis de alteração qualitativo-topológica, cuja repercussão só pode ser descrita a longo prazo. Se o sistema psíquico pode ser

considerado uma atividade emergente e diferente do nível do qual emergiu, retroagindo sobre o funcionamento das células cerebrais (Morin, 1990), cientificamente, como dar estatuto objetivo a esse processo de devir, essa transformação de energia em que o corpo é sempre outro corpo mais complexo?

Primeiramente, partimos da idéia de que o psiquismo não é idêntico ao processo neural, mas sim a expressão inerente de um devir que cria o mundo a cada momento. Isso nos indica que a inclusão do devir na ciência como um conceito fundamental deve nos levar à reflexão a respeito da importância da experiência (CÂNDIDO & WINOGRAD, 2009). Esse devir - que em psicanálise podemos associar ao espaço do inconsciente como um sexual primordial, uma pulsionalidade como uma potencialidade de excitação – como toda experiência, deve intervir ativamente na modulação do tecido cerebral. Na afirmação de que o corpo é uma abertura para o mundo há, segundo Campos & Coelho (2002), ressonância de uma filosofia mealeu-pontiana e também de uma psicanálise que procura superar a dualidade externo-interno por meio da afirmação de um campo relacional cujo protótipo é a mãe e o bebê. Por isso, o conceito de catexia (estimulações sensoriais que adquirem sentido quando investidas) como uma energia intencionalizando-se, como um tipo de processo elétrico que regula a memória em função de investimentos, é um modelo importante para a compreensão do controle adaptativo da memória e dos aspectos da fisiologia cortico-límbica que isso implica.

Os investimentos de catexia marcam uma diferença essencial entre a existência corporal e a simulação no computador, entre a inteligência humana e a inteligência artificial: no homem os símbolos não estão ordenados apenas segundo suas qualidades formais ou sintáticas, como quer o funcionalismo, nem são símbolos assemióticos (NÖTH, 1996) interpretados como processos de ativação ou inibição fisiológica de ligações sinápticas em redes neuronais, como quer boa parte do conexionismo. Com efeito, os símbolos estão em relação profunda com os qualia surgidos de uma peculiar existência corporal. E os qualia — últimos redutos de uma diferença qualitativa entre os seres vivos superiores e as máquinas (RÉGIS, 2006) — estão intimamente ligados ao afeto e, portanto, à pulsão da qual ele é um dos representantes psíquicos. Dessa perspectiva, o corpo já é testemunha do vivido antes de começar a pensar. O pensamento se origina das ilusões emergentes desse mundo sensorial, cuja realidade fundadora é constituída pela dinâmica entre a

pulsão e objeto. A pulsão não é mito, nem coisa, é uma experiência. As sensações corporais adquirem significados, conectadas àquilo que sentimos quando experimentamos o prazer e o desprazer (DEJOURS, 1988).

Acreditamos que uma das contribuições da psicanálise e da fenomenologia para as Neurociências pode incidir justamente nessa alteração metodológica: perceber o lugar fundamental da experiência, entender ser o corpo pessoal e singular e considerar o cérebro em seu devir. Nota-se que as articulações da fenomenologia existencial e da psicanálise são um campo bastante atual de pesquisa (CAMPOS & COELHO JR., 2002).

5. Rigor

Fizemos muitas propostas inovadoras, tendo em vista que nosso objetivo último consiste em pesquisar as possibilidades de criação de uma ciência híbrida, algo entre a psicanálise, a fenomenologia e a neurociência. Nesse caminho interdisciplinar de “impurezas necessárias”, precisamos de referências que nos indiquem até onde podemos subverter. Esses indicadores epistemológicos não existem a priori, pois são construídos simultaneamente aos questionamentos dos axiomas já legitimados pela comunidade científica. Nesse cenário mutante, em que tudo passa por uma revisão, até onde nos sentimos autorizados a transformar? Não há uma única resposta.

Sugerimos que, numa proposta interdisciplinar, a construção teórica poderia se consolidar pela via de articulação de um conjunto de elementos fundada pelo rigor com que são concatenados diferentemente da ciência que associa rigor à busca da verdade. O conhecimento funcionaria como uma rede provisória, sem fundamentos firmes, isto é, como uma teia dinâmica de eventos inter-relacionados (CAPRA, 1996). Nessa outra concepção, o rigor aparece reconstruído por um dinamismo específico das condições organizacionais da comunidade científica e sua ênfase também recai sobre as leis e métodos, por serem eles quem criam, efetivamente, um objeto do conhecimento. Desse modo, passamos de uma ciência objetiva para a ciência epistêmica (CERUTI, 1995), em que o método de questionamento – a epistemologia – torna-se parte integral das teorias científicas.

Esses cinco elementos interligados - o rigor ligado à coerência teórica, a destituição do reducionismo eliminativista, um outro projeto de naturalização que

inclua o *embodiment*, a experiência de ser e o devir - poderiam ser o esteio de uma outra ciência da mente baseada na sensibilidade e não no processamento. Acreditamos que esse seja um caminho possível de mudança que permita a construção de uma visão interdisciplinar sobre a cognição, nossa terceira coluna do meio na tabela.

Considerações finais: Perder o que temos para conquistar o que ignoramos

Tem ficado claro que o desafio epistemológico no que se refere à interdisciplinaridade não está apenas no aprofundamento técnico *do que* tem sido feito na ciência, ou do que se precisa fazer, mas também e, principalmente, situado na análise metodológica de *como é* que nós temos feito ciência. A compreensão teórica mais aprofundada de qual é o nosso objeto, daquilo que nos diferencia da máquina e nos torna humanos, ou seja, de qual corpo estamos falando, abre portas para o desenvolvimento de uma nova atitude dos pesquisadores rumo à construção de um modelo de estudo interdisciplinar do trabalho cerebral, e, quem sabe, futuramente para a edificação de um campo de conhecimento híbrido sobre o caráter corpóreo da significação que não será nem neurociência nem psicanálise.

Para Nagel (2005), se a nossa ideia de físico vier a se expandir de modo a incluir fenômenos mentais, ela terá que lhes atribuir um caráter objetivo, analisando os fenômenos que sejam considerados físicos ou não. O autor acredita que as relações entre mental e físico serão expressas em uma teoria que não vão ser localizados em nenhuma das duas categorias. Acrescentamos: em primeiro lugar porque os pressupostos da física clássica têm se modificado, caminhando em direção à ideia expressa por Damásio (2000) de que é preciso pensar que a física dos processos biológicos não é necessariamente a física corrente, isto é, a mente não pode ser pensada como uma matéria do tipo “coisa”, como um pedaço de mármore. Deverá haver uma modificação da forma como os físicos concebem a matéria, especialmente a matéria biológica do pensar que é altamente complexa.

De qualquer maneira a intencionalidade e o desejo como um estado intencional- parece se colocar como uma lógica central na construção do significado. Aquilo que faz com que um conteúdo de percepção, cuja consciência ocorre bem depois de seu registro (LIBET et al., 1983), torne-se intencional, continua sendo uma

dimensão chave para o entendimento da mente, e se desdobra em diversas questões, entre as principais:

- se no começo da mente há o sem-sentido (CÂNDIDO, 2002), como pode surgir na rede um propósito que organiza os caminhos energéticos? Como o não-material produz materialidades, que produz o não-material, e como essas dinâmicas se corporificam? Como o irrepresentável produz representação? Como a quantidade vira qualidade do ponto de vista neural-mental? O que há de comum entre essas questões?
- Será que a energia física possui ou é constituída por algum tipo de intencionalidade a priori ou vai adquirindo-a por meio da construção do sentido - ou, nos dizeres de Lacan (1985), da falta de ser através da qual o ser existe? Será que é o próprio processamento “sensível” que confere intencionalidade ao conteúdo energético, à moda do que Pachoud (1999) chamou de intencionalidade motora?
- Haveria uma caracterização dos qualia que fosse aceitável àqueles que propõem explicações de sua natureza metafísica e aos partidários de outros pontos-de-vista e que servisse como eixo de uma futura ciência híbrida? Existe qualia somático e qualia imagístico e representacional? Isto é, há sentimentos que são puramente psicológicos?
- Será que a auto-organização (CÂNDIDO & PIQUEIRA, 2002) é um modelo adequado para se estudar a dinâmica de energias no plano físico? Podemos admitir um plano físico puro (energia sem intenção)? Energia psíquica é energia física? Como elaborar uma metodologia de pesquisa que dê conta dessa dinâmica?
- Supondo um energético se articulando à intenção, circunscrito ao plano físico, presente antes da formação do símbolo propriamente dito, podemos considerá-lo como um fenômeno mental?

Em relação a essas reflexões, temos enfatizado que a realidade cognitiva envolve mais do que o raciocínio simbólico e proposicional, embora possa ser assim comumente descrita. Mais além, assumimos que o corpo, como estrutura não-proposicional, baseado na experiência físico-espacial, age na elaboração de significações, possibilitando as proposições de natureza não-física - as funções

superiores abstratas. Tal processo assemelha-se ao *situadness* de Merleau-Ponty (1996), em que a sobreposição recíproca de sensibilidade e movimento não se reduz apenas a uma sucessão de posições objetivamente no espaço geométrico. Esse situar-se, constituído na experiência da sexualidade (eu-mundo), nos dá condições de afirmar que o que existe no raciocínio lógico e representacionista possui uma base incorporada e experiencial.

Nesse sentido, imaginamos que o fundamento dos processos cognitivos é menos a aprendizagem (dada pelo paradigma informacional, cujo objeto é a representação) e mais a corporeidade (dada pelo paradigma sensorial cujo objeto é irrepresentável). Nesse contexto, o sujeito psicanalítico, com a problemática da pulsionalidade, introduz uma nova maneira de olhar o cérebro. Isso nos leva a crer que o estudo das teorizações presentes na psicanálise é fundamental para a constituição de uma ciência interessada em aprofundar-se sobre o conceito de cognição.

É certo que a zona de sentido da cognição, a partir da desconstrução da noção de representação, adquire limites imprecisos, pois, afinal, como pode ser aquilo que não pensa? Uma espécie de computação sem cogística? É por isso que afirmamos que o cogito não conduz a uma afirmação do ser, mas coloca o ser em questão e pede por uma nova maneira de fazer ciência.

Há mais de cem anos atrás, Freud se propôs a falar disso através da pulsão enquanto conceito (ficção teórica). Entretanto, parece que hoje, as idéias de “intencionalidade motora” como uma intencionalidade original, a noção metabiológica (Barbarás, 1999) de uma natureza desobjectivizada (anti-natureza) que vê no movimento de vida a fundação originária da intencionalidade perceptual e o conceito fenomenológico de corpo vivido não- redutível ao corpo da anatomia podem auxiliar no aprofundamento do conceito de pulsão como entidade que possua realidade ontológica, como um tipo de realidade do inconsciente.

Nessa perspectiva, apostamos que seria possível considerar, em relação à polêmica mente-corpo, um naturalismo que entendesse a experiência humana como um campo ontológico emergente da intersecção dos paradigmas biológico, psicanalítico e filosófico, interdisciplinaridade que não nos impede de ter um projeto científico, desde que a ciência possa incluir uma definição de natureza que nos dê um senso que ultrapasse a diferença entre mundo “físico” e a vida acontecendo.

Essa outra maneira de articular conceitos tomaria a sensorialidade como um “ponto de amarração” e caracterizaria a corporeidade, o processo de corporificação ou *embodiment* como uma ciência objetiva da própria subjetividade. A corporeidade é, ao nosso ver, um conceito-objeto que pode permitir, finalmente, uma ontologia do humano que resgata a participação das ciências humanas, muitas vezes esquecidas nas pesquisas sobre o cérebro, a mente e a cognição.

Obviamente, entendemos que um cientista emergentista de orientação fisicalista “deve”, em primeiro lugar, estar comprometido com o naturalismo, mas achamos também que já é hora de decidir o que fazer com as qualidades fenomenais (como os sentimentos são sentidos – o corpo sentido ou qualia) da experiência humana. Freud ajudou nessa questão com a idéia de que não há cérebro puro, nem corpo real, há mente o tempo todo, porque o real é um regime de sensibilidade se reorganizando permanentemente – uma espécie de dinâmica de processos figurativos não-representacionais (BOTELLA & BOTELLA, 2002) que tornam possíveis as significações. Vista assim, a cognição nos obriga a considerar a dimensão “sensível” e reconhecer que os qualia, como propriedades emergentes irreduzíveis em vista de sua não-analisabilidade em bases naturalísticas (EL-HANI & QUEIROZ, 2007, nos indicam que a física desses processos não é necessariamente a física corrente. É evidente, diz Damásio (2000), que o processo mental é de um nível físico que ainda está por definir e que nada tem a ver com a concepção da matéria que temos à nossa volta.

Essa afirmação parece proporcionar a descentralização progressiva de objetos do discurso científico fora do nível da realidade imediata e nos dá condições de assumir planos da realidade que não podem ser diretamente convertidos para a lógica de nossos sentidos (nem ao projeto de uma ciência padronizada). Levando em conta a dimensão sensível, em que a significação é pré-pessoal e se dá pela aquisição de sentido no mundo, numa experiência incorporada, perguntamos como Green (2009): até que ponto podemos pretender que a lógica científica da objetividade seja uma maneira adequada de entender o cérebro e o pensamento humanos?

Nosso intuito foi justamente demonstrar a necessidade de se construir uma ciência da mente interdisciplinar que dê conta de lidar com a imprecisão de limites entre interior/exterior e com a idéia de que as sensações são energias

intencionalizando-se, sem tomar essas idéias exclusivamente no campo das especulações. A possibilidade de que “lá no fundo” da neurofisiologia dos receptores sensoriais exista um “sentir” irreduzível indica tanto que o modelo neurofisiológico do sistema sensorial precisa ser revisto quanto que o corpo excitável é uma materialidade (!) que nos interessa, mas ainda não sabemos como abordá-la.

Para resolver tal questão, achamos que a ciência precisa de imaginação. O que fazer com aquilo que (ainda) não cabe no material? E se o neural for um tipo de matéria diferente, impregnada de excitabilidade? O que fazer com essa excitabilidade, “aquilo imaterial” que é do sujeito, e que justamente, transforma-o naquilo que ele é? Como dar estatuto objetivo àquilo que é pura negatividade, que não se inscreve? O fundamental, refere-se Green (2008), é a correlação que podemos fazer entre significado e algo que não pertence ao significado. Vimos através de diversos autores aqui citados que a fenomenologia de Merleau-Ponty (1991) fala sobre a experiência da percepção e intersensorialidade e a teoria psicanalítica propõe explicitamente essa correlação através da idéia de que a infraestrutura computante do pensamento se torna cogitação pela experiência da sexualidade. Tais teorias nos levam a crer que é necessário nos aprofundarmos sobre “aquilo” que faz a ponte entre a representação e o irrepresentável, entre a matéria e a energia, “aquilo” que Freud tentou conceituar como pulsão, força oriunda do funcionamento do corpo vivo, de ordem energética, não contida nas unidades elementares que o compõem e que ganha expressão psíquica (FREUD, 1905/1985 e 1915/1985).

Dada toda a problemática da corporeidade, concordamos com Edelman (1992): falar do sistema nervoso apenas como um sistema físico-químico é a verdadeira *fraude intelectual*. Acrescentamos: é justamente o irrepresentável – como um novo conceito de matéria – que deverá permitir que a mente possa ser compreendida a partir do processamento de informações, sem se resumir a ele, pois que está ligada também ao nosso regime de sensibilidade, que vai impregnando as células nervosas no decorrer das experiências.

Admitir que os valores se configuram principalmente no ato de sentir possibilita um naturalismo no campo da intencionalidade para além do intelectualismo, dessa mitologia cerebral que incentiva o esvaziamento da densidade fenomenológica do psiquismo. Defendemos que através do desenvolvimento dessa

nova atitude científica interdisciplinar será possível a existência de outro naturalismo no campo da intencionalidade ou algum tipo de naturalismo não-fisicalista (no sentido clássico). Nesse novo modelo de racionalidade, poderia surgir uma atitude científica mais generosa que admita uma interlocução entre vários campos do conhecimento, sem que haja apenas um paradigma, e portanto, sem apenas uma única ciência “dominante”. Nesse contexto, que Morin (1990) chama de transparadigmatologia, poderíamos cultivar uma interdisciplinaridade para todos, sem exclusões.

Nessa lógica da inclusão, sugerimos, como Ceruti (1995), passar de uma ciência do inevitável para uma ciência do jogo. Na prática, pensamos que o jogo de criação de novos parâmetros científicos implica:

1. que não se privilegie qualquer das abordagens envolvidas,
2. que haja exercício de imaginação no sentido de refletir como os pilares da cientificidade podem ser modificados visando favorecer uma nova configuração interdisciplinar,
3. que possamos assumir que apenas a troca de informações entre pesquisadores de áreas diversas é insuficiente. Cada campo de conhecimento deve compreender o modo de estruturação dos outros tipos de pensamento diferentes dos seus. Essa comunicação deve criar espaços de diálogo sem perda do rigor formal e sem diluir nessa dinâmica a precisão do enfoque (ALEKSANDROWICZ, 2000).

Tal proposta, que implica corajosamente em “sair de um mundo codificado e indiferente para aceitar perder o que temos e conquistar o que ignoramos”, (PAQUOT,1999, p.100), tem poder de incluir outros operadores discursivos na discussão sobre o cérebro. Em suma, a interdisciplinaridade torna-se possível, portanto, somente através do desejo dos pesquisadores em lidar com a alteridade e com a complexidade do corpo, que é carne e sujeito, simultaneamente.

Por isso mesmo a teoria psicanalítica das pulsões não é apenas conceitualmente importante. Epistemologicamente o inconsciente pulsional é uma noção fundamental, pois, ao constituir os momentos de passagem, entre a matéria físico-química e o vivente, entre o computo e cogito, entre o cogito e o sujeito do inconsciente (BASTOS, 2001), a pulsionalidade aponta uma ausência importante nas ciências “naturais” tradicionais também chamada de *explanatory gap*

(LEVINE,1983). Se tratamos a “coisa” psíquica como *energia*, e considerarmos que energia psíquica é um termo metafórico para a energia física (GARCIA-ROZA, 1991), talvez a fronteira entre físico e psíquico fique tênue. Essa abordagem da intencionalidade em que o desejo não fica fora do campo físico (e onde a própria noção de “físico” se transforma), aproxima filosofia, ciência e psicanálise.

Provavelmente, a inclusão na ciência da passagem do corpo à corporeidade, que remete ao trabalho pulsional, será um processo semelhante àquele descrito na metamorfose de Kafka em que os cientistas são representados pela família e o corpo transformando-se em corporeidade representada por Gregor.

A família vai abrir e fechar a porta, primeiro constatando tensamente a presença do inseto, até que começa a assimilá-lo, e por fim, sua presença tornar-se inteligível. Nesse nível, não prevalecendo mais a dimensão sensível da percepção, passamos ao juízo e às suas sanções ou incorporações. Ao final, o que prevalecerá – é possível uma ciência da corporeidade? – ainda está por ser escrito.

É certo que a família de Gregor livra-se do monstro. E nós, o que decidiremos?

Abstract: We believe that only from another scientific rationality we would be able to conceive new forms of mind-body interaction. A different scientificity, as we intend to demonstrate, can emerge from the dialogue between neuroscience, psychoanalysis and phenomenology. In this sense, the theoretic - methodological dichotomies will be discussed in a way that allow us to go deeply inside the core epistemological questions related to the science of the mind. The main theme, we assume, is that our challenge lies in analyzing how we have been making science and how this approach allows us to consider planes of reality that make us reformulate the idea of a body without corporality. We understand that the sensoriality indicates the needs of a new naturalism which considers the neural dynamic as an individual's experience of being in the world. Lastly, we acknowledge that some epistemology will need to be built to take care of this.

Keywords: Interdisciplinarity. Neuroscience. Psychoanalysis. Phenomenology. Epistemology.

Referências

ALEKSANDROWICK, AMC A extensão da impostura. **Cadernos de Saúde Pública**, v16, no.4, p.893-902, 2000. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2000000400002>> Acesso em 12 fev. 2009.

AULAGNIER P. **A violência da interpretação**. RJ: Imago, 1975, 284p.

BACHELARD, G. **A Formação do Espírito Científico**. 1ª. edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, 316p.

BARBARAS, R. The movement of the living as the originary foundation of perceptual intentionality. In: Petitot, Varela, Pachoud & Roy (Orgs.). **Naturalizing phenomenology**. California: Stanford University Press, 1999, p 525-538.

BASTOS, L.A.M. O sorriso do lagarto: biotecnologias e afetos. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v.35, n1, p.63-76, 2001.

BIRMAN J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 3ª. edição. RJ: Civilização Brasileira, 2001, 304p.

BOTELLA, C. & BOTELLA, S. **Irrepresentável: mais além da representação**. 1ª. Edição. Porto Alegre: Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul/ Criação Humana, 2002, 243p.

BUNGE, M. **The mind-body problem**. 1a. edição. Oxford: Pergamon Press, 1980, 256p.

CAMPOS, E.B.V. & COELHO JR., N.E. O conceito de alucinação em Merleau-Ponty: aspectos clínicos e psicopatológicos. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v2, n.1, p.13-27, 2002. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/jun2/1.pdf>>. Acesso: 4 jun 2009.

CÂNDIDO, C.L. A importância da sensorialidade no estudo da mente. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n.09, Jan/Jun2010. Disponível em: <http://www.contemporaneo.org.br/artigos/artigo232.pdf>.> Acesso em: 25 dez 2010.

CÂNDIDO, C.L.; PIQUEIRA, J.R. Auto-organização psíquica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**,v.15, n.1, p. 677-684, 2002.

CÂNDIDO, C.L. & WINOGRAD, M. Experiência e complexidade cerebral: entre as ciências cognitivas e a psicanálise. **Ciências e Cognição**, v.14, n.3, p.2-15 2009.

Disponível em:
<<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/243/0>> Acesso em: 27 abr 2010.

CAPRA, F. **A teia da vida**. 1ª. edição. São Paulo: Cultrix,1996, 256p.

CERUTI, M. **A Dança que cria**. 1ª. Edição. Lisboa: Ed. Instituto Piaget, 1995, 344p.

COSTA, J.F. **Subjetividade**. Disponível em:
http://jfreirecosta.sites.uol.com.br/entrevistas/com_o_autor/subjetividade2.html>

Acesso em: 4 dez 2009.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência**. 1ª. Edição São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 474p.

DAMÁSIO, A. **A consciência do corpo**. Ouro Preto: Revista Crítica. Entrevista concedida a Desidério Murcho. junho, 2000. Disponível em:
<http://criticanarede.com/html/entr_damasio.html#>. Acesso em: 9 nov.2008.

DAMÁSIO, A. **A consciência do corpo**. Disponível em:
http://criticanarede.com/html/entr_damasio.html#. Acesso em 2 jun 2009.

DEJOURS, C. **O corpo entre a biologia e a psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988, 183p.

DENNETT, D. **Tipos de mentes: rumo a uma compreensão da consciência**. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 168p.

DIAZ-BENJUMEA, M.D.J. Lo inconsciente psicoanalítico y la psicología cognitiva: una revisión interdisciplinar. **Aperturas psicoanalíticas: Revista de Psicoanálisis**, n. 11, 2002. Disponível em: <<http://www.aperturas.org/>> Acesso em: 17 set 2007.

DUNKER, C.I. **Elementos para uma Metapsicologia da Corporeidade em Psicanálise**. II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, Belém, 2006. Disponível em:

[http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/ii_congresso_internacional/mesas_redondas/ii_con_elementos_para_uma_metapsicologia_da_corporeidade_e_m_psicanalise.pdf](http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/ii_congresso_internacional_mesas_redondas/ii_con_elementos_para_uma_metapsicologia_da_corporeidade_e_m_psicanalise.pdf)> Acesso em: 2 jan 2010.

- EDELMAN, G. . **Bright air, brilliant fire: on the matter of the mind**. 1a. edição. Nova York: Basic Books, 1992. 280p.
- EL-HANI, C.N. & QUEIROZ, J. Modos de irreducibilidade das propriedades emergentes. **Scientiae Studia** v. 3 n.1, p. 9-41, 2007.
- FLANAGAN, O. **Consciousness reconsidered**. 1ª. Edição. Cambridge, Mass.:MIT Press, 1992. 256p.
- FREUD, S. Projeto de psicologia. In: **Sigmund Freud - Obras Completas, vol. I**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1985. 344p.
- FREUD, S. Pulsiones y destinos de pulsión. In: **Sigmund Freud - Obras Completas, vol. XIV**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1985. 440p.
- FREUD, S. Análisis terminable e interminable. In: **Sigmund Freud - Obras Completas, vol. XXIII** .1985. 372p
- FURLAN, R; BOCCHI, J. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, v.8, no.3, p.445-450, set./dez.. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19966.pdf>>. Acesso em: 7 fev.2009.
- GARCIA-ROZA, L.A. **Introdução à metapsicologia freudiana I**. 2ª. Edição Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1991. 212p.
- GREEN, A. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Imago, 2008. 373p.
- GREEN, A. **Entrevista**. Disponível em: <http://www.sppa.org.br/entrevista.php?id_entrevista=6>. Acesso em: 22 ago 2009.
- HERCULANO-HOUZEL S A neuropsicanálise existe? **Jornal da ciência, dez 2005**. Disponível em: <: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=34117>> Acesso em 20 out 2008.
- HILL, C. **Consciência**. 1ª. Edição. São Paulo: Unesp, 2011.
- KANDEL, E.R. A biologia e o futuro da psicanálise: um novo referencial intelectual para a psiquiatria revisitado. **Revista de Psiquiatria**, v.25, n.1, p. 5-24, 2003 .
- LACAN , J. **Mais, ainda - seminário 20**. 1ª. Edição. RJ: Jorge Zaar Ed., 1985. 204p.
- LASCH, C. **O Mínimo Eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. 1ª. edição. Brasiliense, São Paulo, 1986. 298p.
- LEAL, C. Complexidade: um conceito que aproxima a psicanálise da ciência **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.32, n.1, p. 37-45, 1998.

- LEITE, M.P.S. **A noção de real no último Lacan** (aula). Setembro, 1998. Disponível em: http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/letra/10_aula.pdf. Acesso em: 7 ago. 2009.
- LEVINE, J. Materialism and qualia: the explanatory gap. **Pacific Philosophical Quarter**, v64, n.1, p.354-361,1983.
- LIBET, B.; GLEASON, C.; WRIGHT, E.; PEARL, D. Time of conscious intention to act in relation to onset of cerebral activity (readiness-potential): the unconscious initiation of a voluntary act. **Brain**, v.106, n.1, p. 623-642,1983.
- MERLEAU-PONTY, M. **O homem e a adversidade**. Em M. Merleau-Ponty, *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 16a. edição. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 662p.
- METZINGER, T. & GALLESE, V. The emergence of a shared action ontology: building blocks for a theory. **Consciousness and Cognition**, v.12, n.4, p.549-571, 2003.
- MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. 1ª. Edição. Lisboa: Biblioteca Universitária, 1990. 134p.
- NAGEL, T. Como é ser um Morcego? **História e Filosofia da Ciência**, v.15: n.1, p. 245-262, 2005.
- NAVES, J.OV.; FERES-CARNEIRO, T. O eu na obra de Freud e a corporalidade. **Psicologia USP**, vol.18, no.3, p.31-54, set. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772007000300003&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 2 mar.2009.
- NÖTH, W. Signo, representação e representação mental. Em: Gonzalez, M.E.Q.; Broens, M.C. e Coelho, J.G. (Orgs.). **Encontro com as Ciências Cognitivas**. Marília: Editora da UNESP, 1996, p. 53-85.
- PACHOUD, B. The teleological dimension of perceptual and motor intentionality. In: Petitot, Varela, Pachoud & Roy (Orgs.). **Naturalizing phenomenology**. California: Stanford University Press. 1999, p. 196-219.
- PAQUOT, T. **A Utopia: Ensaio Acerca do Ideal**. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Difel, 1999. 112p.
- PER BAK **How nature works**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

PEREIRA, V.A. Reflexões sobre as materialidades dos meios: embodiment, afetividade e sensorialidade nas dinâmicas de comunicação das novas mídias. **Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos**, v. 8, n.3, p.93-11, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/fronteiras/article/viewArticle/3141>>. Acesso em: 5 jul. 2009.

PRIGOGINE, I. **O fim das certezas**. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 1996, 199p.
RAFFAELLI, R. Convergências entre Freud e a Fenomenologia: um olhar disciplinar. **Interthesis** v3, no.1, p.1-22, jan-jun 2006. Disponível em: www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/.../739/10824. Acesso em: 5 jun 2009.

RÉGIS, F. (2006). De sujeito a sistema de informação: como as novas concepções de mente afetam a subjetividade. **Ciencias e Cognicao.**, 9, 137-145,2006. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: 22 jan. 2009.

SAFATLE, V. Uma clínica do sensível: a respeito da relação entre destituição subjetiva e primado do objeto. **Interações**, v.10, n.19, p.123-150, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072005000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 3 mar.2009.

SEARLE, J. **The rediscovery of the mind**. 2ª. Edição. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995. 288p.

SERPA, F. Jr. **Psiquiatria e Neurociências: como “redescobrir” o cérebro sem eclipsar o sujeito**. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/jun4/5.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2009.

SOUZA, O. Os processos de simbolização em Freud, Melanie Klein e Lacan. In: **Estador Gerais da Psicanálise**, 2005. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Octavio_Souza.pdf>. Acesso em: 16 out. 2008.

VARELA, F., THOMPSON, E. & ROSCH, E. **The embodied mind: cognitive science and human experience**. 1ª. Edição. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993. 308p.